

CORRENDO NA CONTRAMÃO DA VIDA: A MULHER NEGRA REFÉM DO TEMPO E DO TRABALHO EM “O COOPER DE CIDA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RUNNING AGAINST LIFE: THE BLACK WOMAN HOSTAGE OF TIME AND WORK IN “O
COOPER DE CIDA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

CORRIENDO CONTRA LA CORRIENTE DE LA VIDA: LA MUJER NEGRA REHÉN DEL
TIEMPO Y DEL TRABAJO EN: “O COOPER DE CIDA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Amanda Nunes do Amaral¹

Resumo: Em “O *cooper* de Cida”, conto presente na obra *Olhos d’água* (2014), Conceição Evaristo conta a história de uma mulher negra trabalhadora e bem-sucedida, que, desconectada de sua ancestralidade e distanciada da narrativa negra de sua cidade, experimenta a solidão do tempo presente quase inteiramente cindida de seu tempo passado. Analisa-se, aqui, este conto utilizando a interseccionalidade como instrumento teórico e metodológico para questionar e refletir sobre quais teriam sido as dificuldades e as dores envolvidas no processo de romper com o local histórico de exclusão destinado à mulher negra, quando parece que a única saída para isso é transformar-se em uma mulher-máquina. O conto nos permite compreender como a dimensão tempo-espço se constituiu ao longo da história com sentidos diferentes para brancos e negros, de modo a atualizar a percepção colonial, reconfigurando relações de desigualdade, de classe e de raça. Refém do tempo e do trabalho, Cida experimenta, no clímax, a (re)descoberta de sua essência, reconectando-se consigo mesma e conectando o presente ao passado - movimento de ancestralidade pelo qual torna-se possível compreender a si mesmo, hoje, quando se compreende a história de quem veio antes.

Palavras-chave: “O *cooper* de Cida”. Ancestralidade. Interseccionalidade. Raça. Classe.

Abstract: In "O *cooper* de Cida," a short story found in the collection "Olhos d’água" (2014), Conceição Evaristo tells the story of a successful, hardworking black woman who, disconnected from her ancestry and distanced from the black narrative of her city, experiences the loneliness of the present time almost entirely separated from her past. This story is analyzed here using intersectionality as a theoretical and methodological instrument to question and reflect on the difficulties and pains involved in breaking away from the historical place of exclusion destined for black women, when it seems that the only way out is to become a woman-machine. The story allows us to understand how the time-space dimension has been constituted throughout history with different meanings for whites and blacks, in order to update colonial perception, reconfiguring inequality relations of class and race. Hostage of time and work, Cida experiences, at the climax, the (re)discovery of her essence, reconnecting with herself and connecting the present to the past - a movement of ancestry through

¹Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). amanda.nunes.amaral@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7537-2683>.

which it becomes possible to understand oneself today, when one understands the history of those who came before.

Keywords: “*O cooper de Cida*”. Ancestry. Intersectionality. Race. Class.

Resumen: En "*O cooper de Cida*", un cuento incluido en la obra "*Olhos d'água*" (2014), Conceição Evaristo narra la historia de una mujer negra trabajadora y exitosa que, desconectada de su ancestralidad y distante de la narrativa negra de su ciudad, experimenta la soledad del tiempo presente casi completamente separada de su pasado. Este cuento se analiza aquí utilizando la interseccionalidad como herramienta teórica y metodológica para cuestionar y reflexionar sobre las dificultades y dolores involucrados en romper con el lugar histórico de exclusión reservado para las mujeres negras, cuando parece que la única salida es convertirse en una mujer-máquina. La historia nos permite entender cómo la dimensión tiempo-espacio se ha construido a lo largo de la historia con diferentes significados para blancos y negros, actualizando así la percepción colonial y reconfigurando las relaciones de desigualdad de clase y raza. Tomada como rehén por el tiempo y el trabajo, Cida experimenta, en el clímax, el (re)descubrimiento de su esencia, reconectándose consigo misma y conectando el presente con el pasado, un movimiento de ancestralidad a través del cual se vuelve posible entenderse a uno mismo hoy, al comprender la historia de quienes vinieron antes.

Palabras clave: “*O cooper de Cida*”. Ascendencia. Interseccionalidad. Raza. Clase.

Introdução

Olhos d'água, publicado em 2014 pela editora Pallas e vencedor do prêmio Jabuti no ano seguinte, é uma coletânea de contos de autoria da escritora Conceição Evaristo. A obra reúne 15 contos, nos quais a autora concebe personagens diversas e profundas, subvertendo a lógica estereotipada e essencialista com a qual a literatura canônica veio tratando a temática da negritude ao longo do tempo e reconstruindo positivamente as identidades negras.

Em “*O cooper de Cida*”, Conceição Evaristo conta a história de uma mulher que, desconectada de sua ancestralidade e “exilada” de sua terra natal, experimenta a fugacidade, a inquietude e a solidão do tempo presente quase inteiramente cindida de seu tempo passado. Narrado em terceira pessoa, e marcado pelo discurso indireto livre, o conto gira em torno da protagonista Cida e a sua percepção subjetiva do tempo atual, fortuitamente contrastada por lembranças de um passado lento e distante, que há muito abandonara. Cida apreende o tempo de modo paradoxal, considerando-o precioso – e, portanto, digno de economia e valorização – e, simultaneamente, torturante, por submetê-la ao seu

imediatismo violento e implacável. Neste conto, o tempo é, pois, o opressor, e a mulher negra, no espaço público, a oprimida (Santos, 2018).

Cida é uma mulher negra, tem vinte e nove anos de idade, é moradora de um prédio na praia de Copacabana e funcionária de um escritório localizado na Avenida Rio Branco. Cida vive uma vida frenética e sobrecarregada, típica de cidade grande. Uma primeira leitura deste conto nos revela um deslocamento revolucionário para a mulher negra, que consegue ocupar um local de insubmissão e certo prestígio na organização social. Isto não deixa de ser, de certo modo, verdadeiro. Contudo, uma análise interseccional nos permite questionar e refletir sobre quais teriam sido as dificuldades e as dores envolvidas no processo de romper com o local de exclusão historicamente destinado à mulher negra, bem como as dificuldades que ela continua a enfrentar, todos os dias, na manutenção desse espaço que ainda não é inteiramente visto como seu e que ela precisa, constantemente, justificar.

A análise interseccional nos revela que a categoria de gênero, isolada, é insuficiente para contemplar o “ser mulher”, uma vez que, dependendo da posição social que ela ocupa, pode ser experimentada de diferentes formas, em diferentes níveis de intensidade. Nesse sentido, a teórica Kimberlé Crenshaw (2002) nos incita a contestar a perspectiva clássica das opressões, segundo a qual, os marcadores sociais de gênero, classe e raça operam de maneira isolada, desconsiderando que nem sempre diferentes eixos de opressão correspondem a diferentes categorias de pessoas.

Cida está sempre correndo contra o tempo, corre de manhã na praia, corre à padaria, corre à banca de jornal, corre ao trabalho, “[...] corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre” (EVARISTO, 2016, p. 66). A sua vida é, pois, um constante *cooper*. Essa urgência, que poderia ser experimentada por qualquer trabalhador(a) e morador(a) de um grande centro metropolitano, é experimentada, todavia, por Cida, uma mulher negra, para quem tal urgência adquire significados diferentes, significados mais profundos.

Djamila Ribeiro (2017) nos lembra como a mulher é, de um modo geral, pensada sempre em oposição ao homem, como sendo o Outro, expressão cunhada pela filósofa francesa Simone de Beauvoir, segundo a qual a mulher é determinada não a partir de si mesma, mas em relação ao homem. Desse modo, o homem, instituído como modelo de representação do ser social, outorga o lugar da mulher enquanto o “seu contrário”, a categoria outra, isto é, aquela que foge da norma. Para Kilomba (2012 apud RIBEIRO, 2017), a mulher negra seria o outro do outro, uma vez que está localizada em uma espécie de limbo, um espaço de esquecimento e contradição, no qual é duplamente marginalizada,

estando em oposição à branquitude e, simultaneamente, à masculinidade e, portanto, nunca sendo vista como sujeito.

Cida está sempre buscando o “depois”, o “em seguida”. Preenche todo o seu dia com trabalho, assume o máximo de obrigações que consegue, acredita que é “[...]preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol...” (EVARISTO, 2016, p. 67). Segundo Holly Lewis (2016), no capitalismo, raça, classe e gênero condicionam-se mutuamente componentes de uma ideologia produzida pelas relações sociais materiais (Lewis, 2016, p. 202, tradução nossa). Por meio de uma crítica à teoria queer pós-estruturalista, a partir do marxismo, Lewis (2016) aponta a conexão entre os movimentos de trabalhadores, antirracista, LGBT e do feminismo na superação do capitalismo enquanto um sistema que molda e explora vidas para o desenvolvimento econômico em uma escala ampla e opressora, que leva em consideração não apenas questões de gênero, mas também de raça, classe, sexualidade.

No capitalismo, o desenvolvimento econômico sempre está atrelado à produção de miséria e de sobrantes para o capital (Antunes, 2018). Nesse sentido, o racismo é, pois, atinente à lógica do capital, uma vez que o corpo negro foi o primeiro a ser convertido em mercadoria. Desde o tráfico escravista atlântico – o primeiro capitalismo – até os dias de hoje – nos quais pessoas negras são as que trabalham mais e têm as menores remunerações no mercado – o capitalismo sempre se valeu de subsídios raciais para explorar os recursos do Planeta (Mbembe, 2014, p. 299). Tendo em vista ainda a diferença salarial entre homens e mulheres no mercado de trabalho, podemos dizer que o capitalismo também se valeu de subsídios sexistas para promover sua exploração, colocando a mulher negra trabalhadora na base da pirâmide econômica. Assim, do mesmo modo, a raça também implica o gênero. Conforme explica Angela Davis (2011), assim como raça é a maneira como a classe é vivida, o gênero é a maneira como a raça é vivida.

Talvez exista também, na urgência de Cida, uma esmagadora cobrança interna, fruto das pressões e opressões de uma sociedade racista que, certamente, sempre impôs barreiras aos seus sonhos e obstruiu de todas as formas possíveis o seu percurso. O caminho de Cida foi corrido na contramão. Para uma mulher negra, trabalhar em um escritório e morar em uma região nobre da cidade é estar em um espaço que não é entendido social e historicamente como seu. A recorrente busca de Cida pela perfeição e o seu constante estado de alerta poderiam revelar, nas entrelinhas, uma tentativa de compensação e um sentimento subconsciente de não pertencimento.

Correndo na corda bamba do tempo

Todas as manhãs, bem cedo, Cida sai para correr. “O sol vinha nascendo molhado na praia de Copacabana. A indecisão do tempo, a manhã vagabunda nos olhos sonolentos dos moradores de rua, o trabalho inconsequente das ondas em seu fazer e desfazer, tudo isso comprometia o cooper de Cida” (EVARISTO, 2016, p. 65). A percepção que tem do tempo-espaço revela como tudo a sua volta parece angustiantemente lento e impreciso se confrontado com a celeridade que ela traz em si. Não consegue, pois, contemplar o nascer do sol e o quebrar das ondas no mar. É tudo muito ocioso, vago e sem propósito para que o seu ritmo possa apreender.

Está parcamente consciente do mundo exterior e das pessoas que cruzam o seu circuito de corrida. Busca, instante após instante, o próximo passo. Nunca para. A tranquilidade é um descuido, um desperdício. Nadando na contracorrente da vida, refém do tempo e do trabalho, Cida “[c]orria o tempo todo querendo vazar o minguido tempo do viver” (EVARISTO, 2016, p. 65). Corria, mas o seu destino nunca chegaria, corria para um futuro que não existia. Corria para um eterno desencontro. Oprimida pela sociedade patriarcal racista e capitalista, Cida se equilibrava na corda bamba do tempo, “[v]aral no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora” (EVARISTO, 2016, p. 68).

Talvez, o seu sentimento subconsciente de não pertencimento esteja relacionado, ainda, à desconexão de sua ancestralidade. Não apenas no que diz respeito ao seu parentesco como também à história e à tradição do seu povo. É possível que, estando longe de sua família e desconhecendo ou negligenciando o seu legado cultural, Cida não estivesse ciente de seu pertencimento étnico-racial e, conseqüentemente, de sua identidade enquanto mulher negra. Talvez por isso ela se comportasse como uma máquina, vivendo no modo automático, sem se dar conta de como a sua urgência em estar sempre à frente, em ser sempre a primeira, pudesse ser uma forma irrefletida de resistência e contestação à condição de subalternidade historicamente imposta a ela e ao seu povo.

Para alcançar seus objetivos, Cida precisa aderir ao *modus operandi* próprio do *homo faber*, conceito segundo o qual o homem é constituído pelo trabalho e, por meio dele, produz um mundo artificial, de coisas e objetos, que lhe confere estabilidade em uma sociedade agenciada pelo capitalismo, voltada para o consumo e a exaltação do trabalho. Característica fundamental da condição humana, a fabricação desse mundo é dotada de objetividade e utilidade. (Arendt, 2014). Nesse sentido, Cida produz o mundo através do seu trabalho, assim como produz sua própria identidade. Nesse

mundo, todas as suas ações são calculadas e realizadas em função de seus resultados, isto é, tudo o que ela faz orienta-se para a obtenção de algum proveito, seja ele material ou intelectual.

Apesar de não se recordar como era a sua antiga cidade, Cida se lembra da lentidão das pessoas: “Andavam, falavam e viviam de-va-gar-zi-nho” (EVARISTO, 2016, p. 66). Aqui, Conceição Evaristo faz uma brincadeira com o sentido e a grafia da palavra “devagarzinho”, imprimindo à sua representação escrita, por meio da separação silábica, uma sensação arrastada e cadenciada. Cida recorda-se ainda de como as pessoas de sua cidade demoravam até para nascer, e como as crianças nasciam “desesperadamente calmas” (EVARISTO, 2016, p. 66). A calma, portanto, sempre foi, para Cida, motivo de aflição.

Desde sua infância, Cida trazia dentro e fora a urgência de viver. Até o seu corpo biológico reproduzia a velocidade de seu espírito; com apenas nove anos de idade, ela já havia tido sua menarca. A pressa em seguir sempre em frente fazia seu corpo avançar quase precocemente para as fases seguintes de desenvolvimento. “As suas brincadeiras prediletas, ainda nessa época, eram a de apostar corrida com as crianças [...] Vencia sempre, utilizando um tempo diminuto em relação a todos” (EVARISTO, 2016, p. 66). Percebemos, nessa passagem, como o sentimento de urgência de Cida advém também de sua personalidade, mas é, evidentemente, configurado e potencializado pela sociedade em que vive, bem como os marcadores identitários que impactam a sua existência enquanto mulher negra, de classe média.

Aos onze anos de idade, Cida vai pela primeira vez para o Rio de Janeiro, acompanhando sua mãe em uma viagem de negócios. A partir dessa informação apresentada no conto, podemos inferir que Cida vem de uma família bem-posicionada socioeconomicamente. É provável que a personagem tenha presenciado também a maratona da mãe na luta pela conquista de um lugar ao sol, aprendendo ser aquele o único jeito de viver. E assim, dando continuidade ao legado da mãe, tornou-se, também, uma mulher independente e dedicada a uma carreira profissional fora do lar, e, portanto, uma mulher que desempenha uma performance subversiva de gênero e raça.

Contudo, Cida nunca tivera tempo de parar e refletir, de fato, sobre a sua subjetividade, sobre a sua herança, sobre o que significou, para sua mãe, e sobre o que significava, para ela, ambas mulheres negras, terem que estar sempre correndo na corda bamba do tempo. Sobre como um lugar de “privilégio” para as pessoas negras, na sociedade, pode ser extremamente difícil de ser conquistado e, mesmo quando o é, deve ser, o tempo todo, defendido e vigiado, uma vez que nunca está inteiramente assegurado. Cida comportava-se como uma máquina porque, até então, não conseguira dar sentido à

sua incansável e opressiva celeridade, tampouco pudera nomeá-la. Como poderia, afinal, dar sentido à sua história, se não conhecia (ou não se reconhecia) a (na) história de seus ancestrais?

Ao conhecer o ritmo frenético da cidade maravilhosa, a protagonista cria, imediatamente, uma identificação com aquele espaço, se reconhecendo no vai e vem acelerado de carros, pessoas e “[...] dos pés quase voantes dos pedestres, vencendo e encontrando a morte” (EVARISTO, 2016, p. 66). E assim, Cida descobre, e se descobre, naquela vida agitada, “[...]um jogo de caleidoscópio formado por peças, gente-máquinas se cruzando, entrecortando braços, rodas, cabeças, buzinas, motos, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência de gasolina” (EVARISTO, 2016, p. 66). Naquele momento, ela decide que um dia retornaria para ficar. Quando completa dezessete anos de idade, o tio lhe arranja um emprego e ela, finalmente, passa a morar na capital.

Então, Cida alia a sua urgência instintiva à demanda veloz da cidade – cujas exigências são infinitamente mais severas quando se trata de uma mulher negra – adequando perfeitamente o movimento de sua vida ao ritmo acelerado do mercado. “Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações” (EVARISTO, 2016, p. 67). Parece que a única saída para conseguir romper com o lugar destinado à mulher negra na sociedade brasileira e para alcançar certo status social, é transformar-se em uma mulher-máquina. Dessa forma, a narrativa de Evaristo nos incita a questionar se, para alcançar uma função diferente daquelas usualmente associadas ao estereótipo negro feminino, isto é, à servidão sexual e/ou doméstica, a mulher negra teria que se apresentar sempre ativa, saturada de incumbências e completamente devotada ao trabalho. Correndo contra o tempo, lutando contra o tempo, sem nunca chegar, sem nunca vencer.

Moradora de uma região nobre da cidade, em um bairro embranquecido no qual a população negra constitui maioria em situação de rua, Cida vivia distante dos elementos e das práticas da cultura e memória afro-brasileiras, sem nenhum contato com a narrativa negra de sua cidade. Vivida de amores breves e gozos premeditados; corria na praia, mas não contemplava o mar, não enxergava as pessoas; comprava o jornal e não lia. Dedicava-se aos estudos, mas somente aos cursos de curta duração. O estudo surge aqui como forma de manutenção de um espaço que precisa ser justificado, pois pode ser questionado a qualquer momento; um estudo não crítico, mas tecnicista e imediatista, ao gosto do capitalismo. “Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas” (EVARISTO, 2016, p. 67). Podemos ver, nessa passagem, como opera a lógica utilitarista, premissa da sociedade capitalista atual, na qual todas as ações adotadas objetivam a utilidade, isto é, a qualidade de produzir vantagem, resultado benéfico.

Por recomendação da mãe, Cida ia à igreja aos domingos, mas só assistia à metade da missa. Desconectada também de sua espiritualidade, o desconhecimento das tradições religiosas de sua ancestralidade limitou a sua forma de vivenciar o sagrado, bem como de utilizar a fé para acessar suas origens e praticar o autoconhecimento. Uma das principais contribuições da cultura africana para a formação da cultura brasileira foi a religião. No período colonial, os africanos de origem iorubá trazidos ao Brasil foram proibidos de professar suas crenças religiosas, e, como meio de resistência, passaram a associar seus orixás – divindades cultuadas pelas religiões de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda – com os santos do catolicismo, religião oficial do país na época, e, adotada por Cida e por sua mãe, no conto.

Cida praticava o *cooper* todos os dias, na praia e na vida. Bebia refrigerante diariamente, elevando o teor de açúcar em seu sangue, estimulando o seu sistema nervoso, de modo que corpo e espírito estavam sempre despertos. “A moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária maratona. Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca” (EVARISTO, 2016, p. 67). Em seu estudo, Joaquim Pires dos Reis (2017) recorre à Harvey (2012) para fazer uma reflexão profícua a respeito da percepção tempo-espaço na sociedade escravista brasileira. Segundo o autor, existiam, naquele contexto, duas raças diferentes: a raça europeia, detentora do poder econômico, social e político e, sobretudo, das vidas dos escravizados africanos; e a raça negra, a raça subalterna, propriedade dos senhores brancos, pessoas cujos corpos eram considerados corpos de exploração e fonte de lucro. Para cada uma dessas raças, o tempo-espaço era percebido de uma forma diferente. Para o europeu, o tempo do escravizado estava a serviço do lucro. Para o negro escravizado, o tempo não lhe pertencia.

De acordo com a análise de Reis (2017), o negro não era visto como ser humano, mas sim como uma máquina, um instrumento. Sua vida era tão somente uma extensão das necessidades dos brancos. Eram os brancos, pois, os que possuíam o controle do tempo e do espaço e, portanto, o monopólio da vida e do trabalho do escravizado. Trabalho este que estava sob a alçada do capital. Dessa forma, ao passo que para o branco, o tempo era “dinheiro”; para o negro, o tempo era dor, alienação e ausência. Nesse sentido, o autor aponta como a luta social dos quilombolas significou uma reconstituição e uma reconquista do tempo-espaço dos negros, transformando-o em liberdade e bem próprio, e retirando o seu trabalho da esfera de domínio do capital.

Com a modernidade, as práticas socioculturais foram se modificando e o sentido tempo-espaço sofreu transformações radicais, no entanto, a dicotomia: explorado/ explorador continuou a ser

reproduzida, uma vez que a economia capitalista seguiu e segue se desenvolvendo e reconfigurando as relações de desigualdade de classe e raça na sociedade, até os dias de hoje. Afinal, o sistema capitalista tem em vista o lucro através da exploração do tempo-espaço de uns em detrimento do enriquecimento de outros poucos.

Apesar de ter ascendido economicamente e ter conseguido transcender um local histórico de submissão, Cida não deixa de ser uma mulher negra, trabalhadora, submetida ao capitalismo. E, conforme explica o teórico camaronês Achille Mbembe (2014), o racismo é, pois, atinente à lógica capitalista, na medida em que a raça foi implementada sob o signo do capital, criando, para o sujeito negro, um lugar subalternizado de classe. Dessa forma, a percepção tempo-espaço na sociedade de classes do capitalismo contemporâneo, de um certo modo, não deixa de atualizar a percepção da sociedade colonial, fazendo com que o proprietário dos meios de produção conceba tempo como lucro e o trabalhador assalariado, como alienação.

Não importa o quanto Cida conquiste, quantos cursos ela faça, quantas horas ela trabalhe, ou o quão produtiva ela seja, o seu lugar no mundo nunca estará garantido, ela deverá ser sempre melhor, mais veloz, mais eficiente, pois está, de certo modo, reduzida à condição de máquina e o seu valor é a sua capacidade de produzir mais e mais em cada vez menos tempo. Não somente por viver em uma sociedade capitalista, mas por viver, sobretudo, em uma sociedade racista e sexista. Se, para que o trabalhador branco seja considerado “bom”, a sociedade do capital já exige muito, para que a trabalhadora negra seja considerada ao menos mediana, ela exige o impossível.

Cida é, pois, duplamente vulnerável, uma vez que, sendo mulher negra, é ainda mais descartável para a sociedade. Vimos que a raça atribui ao corpo negro uma posição subalternizada de classe. Dessa forma, para Cida conseguir superar tal posição, foi preciso vender o seu tempo de vida, e para permanecer na posição que conquistou, era preciso continuar a sacrificá-lo, dia após dia. A correr, a se fazer máquina, a se equilibrar na corda bamba do tempo, corda que podia se romper a qualquer hora.

A epifania de Cida

Contudo, certa manhã, aquela em que o sol parecia indeciso e o mar inconsequente, surge em Cida um súbito “desejo de querer parar” (EVARISTO, 2016, p. 67). Sem perceber, Cida diminui a velocidade dos passos e enxerga, pela primeira vez, o mar. Em um primeiro momento, é tomada por uma intensa sensação de mesmice. O movimento maçante e persistente das ondas lhe causa tédio. Engatilhada pela contemplação das águas, a protagonista experimenta, então, um fluxo de consciência

acerca de sua própria vida. Percebe como viera vivendo de forma mecânica e pragmática até então. “Como a natureza repetia séculos e séculos, [...] os mesmos atos? O dia raiar, a noite cair, [...] O mar magnânimo lavando repetidamente, a curtos intervalos, a areia circundante. Tudo monótono, certo e previsível. Tão previsível como os principais atos dela: levantar, correr, sair, voltar” (EVARISTO, 2016, p. 68).

Então, Cida toma consciência das pessoas que faziam parte do seu habitual circuito de *cooper* na praia, rostos que cruzavam o seu caminho todas as manhãs, mas, que ela olhava e não via. “Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase. Sentiu a planta dos pés, mesmo guardadas nos tênis, tocando o solo. Ela estava andando, parando, andando, parando, parando” (EVARISTO, 2016, p. 68). Somente após anos frequentando a praia que Cida sente, pela primeira vez, o contato dos pés com o chão. Toque catártico que a reconecta consigo mesma, com a natureza e com o resto do mundo. A repetição das palavras “andando, parando”, seguida da repetição da palavra “parando”, separadas por vírgula, na construção frasal, confere certo ritmo à leitura, que parece “ir diminuindo de velocidade” aos poucos, acompanhando as ações da personagem.

Em *A escritura de Clarice Lispector*, Olga de Sá (1978), a partir de James Joyce, explica o fenômeno da epifania na obra de Clarice Lispector. Segundo a autora, a epifania, na literatura, “[...] é expressão de um momento excepcional, em que rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio” (SÁ, 1978, p. 106). Affonso Romano de Sant’Anna (1973, p. 187), por sua vez, define a epifania como o “[...] relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação”. Compreendemos, dessa forma, como a personagem Cida experimenta uma epifania, uma vez que, justamente em um momento mecanicista e vazio de seu cotidiano, ela é tomada por uma profunda compreensão da realidade, que se constitui como essa “inusitada revelação” da qual Sant’Anna fala.

A exaustão física toma conta de Cida, mas, o seu espírito está mais acordado do que nunca. Desligando-se de seu modo “maquinal” de viver, ela experimenta uma epifania. “Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então de que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para corrercorrer”. (EVARISTO, 2016, p. 68). Conceição Evaristo utiliza a representação escrita para atribuir poeticidade ao texto, combinando a grafia ao sentido de modo a tornar a leitura mais imersiva. A junção das palavras “correr” sem espaçamento, isto é, sem “respiro”, transmite a sensação de uma vida também sem “respiro”, sem pausas, acelerada. Como era,

precisamente, a vida de Cida, uma vida que consistia em correr e correr. Sem espaçamentos, sem intervalos, sem descanso, sempre uma obrigação seguida da outra.

Cida sente-se envergonhada de ter vivido, até então, uma vida de prazeres breves, contidos e calculados, sem nunca ter aberto mão do controle, sem nunca ter se entregado de verdade. Ela “[...]repudiava qualquer gesto de abandono que alguém pudesse ter diante dela” (EVARISTO, 2016, p. 68). Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) aponta como a mulher negra foi, historicamente, excluída do mercado afetivo e naturalizada no “mercado do sexo”. Desse modo, as escolhas amorosas de Cida, bem como a ausência de parceiros fixos e o seu constante medo do abandono estão profundamente ligados às opressões interseccionadas de gênero e raça. O sentimento internalizado de inferioridade, razão da constante necessidade de aprovação, culminou na transformação de Cida em uma mulher-máquina, sem tempo para amar, para gozar, sem tempo para si mesma. Uma mulher cujo medo do abandono fez com que ela abandonasse a si mesma.

Extasiada com as revelações que fulguravam diante de seus olhos naquela manhã ordinária, a protagonista é atraída pelo movimento envolvente das ondas. Com o corpo paralisado e a alma desperta, ela abandona o calçadão e segue em direção ao mar, dirigindo-se para a areia. “Sentiu a necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas *correntes* ali mesmo.” (EVARISTO, 2016, p. 68, grifo nosso). A associação das correntes aos tênis de corrida representa a falta de liberdade de uma vida frenética e entupida de obrigações.

A personagem observa um banhista que brinca tranquilamente na água e deseja, com impaciência, que ele saia logo, “[e]la queria saber do tempo dele, barganhar momentos, pedir um tempo emprestado talvez” (EVARISTO, 2016, p. 68). Aqui, temos uma visão do tempo segundo o capital, um tempo com valor monetário. Cida se pergunta como era possível que alguém pudesse aproveitar o mar com toda aquela leveza e despreocupação em um dia de semana, pouco antes das sete da manhã. “Deveria ser extremamente rico” (EVARISTO, 2016, p. 68) conclui ela. E então, lembra-se dos moradores de rua que costumava vislumbrar no seu caminho diário: “Eram extremamente pobres” (EVARISTO, 2016, p. 68).

Neste ponto da narrativa, Cida é arrematada por uma nova compreensão, percebe que o tempo não poderia ser determinado pelo dinheiro. Percebe que o tempo é, ainda, relativo. “Ou o tempo não se media com moeda, ou as horas, os dias, os anos não seriam medidas justas do tempo [...] Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo?” (EVARISTO, 2016, p. 69). A protagonista experimenta desejos desconhecidos e poderosos, anseia por algo, não sabe ainda o que, anseia lançar-

se ao mar na busca desse mistério que nem mesmo ela compreendia ainda, talvez ansiasse pela (re)descoberta de sua essência, de sua história, talvez o seu desejo fosse de saber de onde viera e de como chegara até ali. Mas, naquele momento, tudo dizia respeito ao sentir e não ao pensar.

Subitamente, Cida é puxada de volta à realidade. Refaz, em sua mente, o seu costumeiro *cooper*: “Às sete e quarenta e cinco, Pedro acionaria a buzina do carro em frente ao prédio dela. Já pronta, desceria rapidamente a escada e antes, bem antes, das oito e trinta, se o trânsito estivesse bom, eles aportariam no escritório da Rio Branco” (EVARISTO, 2016, p. 69). De volta à realidade frenética, mas ainda afetada por revelações mais urgentes, Cida retorna à rua lentamente. Dessa vez, ela olha e enxerga. Enxerga os outros corredores no calçadão, enxerga os mendigos saindo dos bares com copos de café, enxerga o mar, enxerga a desmesurada beleza de tudo. Ela atravessa a rua sem correr.

Cida chega à porta de seu prédio e encontra Pedro impaciente, esperando por ela do lado de fora do carro. Acelerado, o colega questiona o atraso de Cida e a apressa a se aprontar o quanto antes. As palavras de Pedro são velozes, mas os pensamentos de Cida são lentos. Pedro fala do presente, mas, a mente de Cida está no passado: “Lembrou-se de que, quando era criança, uma de suas diversões era colar o radinho no ouvido e ficar ouvindo a narração do futebol. Tinha a impressão de que a fala do locutor era mais rápida que a bola no pé dos jogadores” (EVARISTO, 2016, p. 70).

Neste momento, pela primeira vez, Cida reflete sobre como sua afinidade com a vida frenética vinha desde a infância. Aqui, também pela primeira vez, ela conecta o presente ao passado. Este poderia ser o pontapé inicial para que pudesse começar a refletir sobre o porquê de ela precisar estar sempre correndo na corda bamba do tempo. Era como se Cida tivesse chegado a uma compreensão da qual não pudesse mais retornar. Havia se reconectado consigo mesma, com a sua humanidade, com o seu passado e com o seu presente. Uma vez que recuperara a visão, não poderia, portanto, voltar a não enxergar novamente.

Este movimento de compreender o presente a partir de uma reelaboração do passado para resgatar a si mesmo remete à ancestralidade. De acordo com o sociólogo Muniz Sodré (1997), é a ancestralidade que marca a transformação da história, a evolução do conhecimento e a continuidade de um grupo. É aquilo que permite que saibamos de onde viemos e como chegamos até aqui. A ancestralidade, para os povos negros, é, ainda, instrumento decolonial, que, transcendendo o parentesco, diz respeito, sobretudo, à tradição de uma cultura, da memória, da história e dos saberes de todo um continente, elementos que constituem o pertencimento de povos que, enquanto seres afrodiaspóricos, tiveram suas identidades fragmentadas e dispersadas pelo atlântico.

No conto, Pedro continua a falar e a gesticular aflito. Só então Cida percebe o motivo para tanto desespero. Ela estava atrasada, “[...] havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar” (EVARISTO, 2016, p. 69). O colega pergunta o que acontecera com ela, Cida responde que não havia acontecido nada e decide que, naquele dia, não iria trabalhar. Então, diz ao colega para ir, já estava mesmo muito atrasado. Que fosse sem ela. “E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela” (EVARISTO, 2016, p. 70).

Segundo a análise de Reis (2017), o negro escravizado que foge para o Quilombo e reconstrói o seu tempo-espaço no período colonial é uma referência para o trabalhador que luta contra a exploração nos dias de hoje. O quilombo deste trabalhador seria, na visão do autor, não um local físico, mas simbólico. O quilombo de Cida está, pois, na sua capacidade de dizer não, na sua possibilidade de parar, de dar um tempo a si mesma. Dessa forma, o conto se encerra apontando para a necessidade do descanso, da reflexão e, sobretudo, para a necessidade de se agir menos e sentir mais.

Referências

ANTUNES, Ricardo. A Explosão do novo proletariado de serviços. In: ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, p. 25-64, 2018.

ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: *Cruzamento: raça e gênero* (painel 1), 2002, p. 7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf> Acesso em: 01 mar. 2024.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. *Portal Geledés*, 2011. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-deuma-nova-utopia-angela-davis/> > Acesso em 18 mai. 2024

LEWIS, Holly. *The politics of everybody: Feminism, queer theory and Marxism at the intersection*. London: Zed Books, 2016. Disponível em: < https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/12/2021-12-23_61c4daf847cc3_ThePoliticsofEverybodyFeminismQueerTheoryandMarxismattheIntersectionbyHollyLewisz-lib.org_.pdf > Acesso em 20 mai. 2024

- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- REIS, Joaquim Pires dos. Tempo/espaço como práxis social. In: *Indisciplinar*, 3 (4), p. 186 – 204, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramentos, 2017.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- SODRÉ, Muniz. *Muniz Sodré: depoimento [1997]*. Salvador: 1997. 1 fita cassete. Palestra conferida no Encontro Internacional de Capoeira Angola, organizado pelo Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (Gecap).

Recebido em: 1/3/2024

Aprovado em: 24/5/2024